

VILÉM FLUSSER

30/4/69

Ao

Prof. J. A. Glanottti,

Nesta.

Prezado Glanottti,

desde que The VI naquele cocktail, e desde que li sua resposta no Suplemento, andei com a ideia de lhe escrever uma carta. E tinha até feito rascunhos. A data de hoje venceu minha reserva. Quero falar-lhe de coração aberto, e espero que seja recebido com espírito lúdico. Lamento profundamente que a minha crítica da sua tradução tenha ferido. Não foi esta absolutamente a intenção que me moveu. Meu interesse fanático pelo problema de traduzir o Tractatus me fez esquecer os aspectos humanos da publicação de uma crítica que admito ter sido quase inteiramente negativa. Creio que foi a primeira vez, desde que publico, que feri alguém, e ferir, mesmo sem premeditação, é certamente "pecado". Talvez o tom áspero de minha crítica seja explicável por uma tensão inconsciente entre nós, e que veio à tona?

Lamento ainda que o primeiro e último parágrafo da sua réplica tornem impossível uma resposta pública minha, (pelo menos de imediato). Lamento, porque sua argumentação foi interessante, embora, (na minha opinião), quase inteiramente enganada. Pois é exatamente isto que é a pena nessa polémica toda: ameaça fechar a possibilidade de um diálogo honesto. Nunca conseguimos estabelecer esse diálogo, e as poucas vezes que tentamos, fracassamos. Naocrirei que por culpa exclusiva minha. Es-tou procurando, nesta carta, renovar quand-même o esforço.

Tomos lançados, os dois, no mesmo ambiente, embora de back-grounds diferentes. Agimos cada um a sua maneira, e divergimos em muita coisa. Nas metas, nos métodos, e nos motivos. Mas, se não estou enganado, a honestidade dos nossos propósitos converge. Se tenho razão neste, não é muito fecundo que nos desgastemos em polémica, em vez de em diálogo aberto.

Muitas vezes duvido, não apenas do "acerto" das minhas posições filosóficas, (isto é o menos), mas da razão de ser do meu engajamento. Sou muitas vezes tentado de abandonar tudo e optar por uma contemplação distante. Atitudes como a sua quanto a mim reforçam essa tendência. Mas tenho uma Schattungsmental, (fruto de uma educação anacrônica), que me impede, sempre de novo, a persistir na tentativa. Creio que sabe, de experiência própria, de que estou falando. Ours is not to quest ion why, ours is just to do and die. E, já que estou citando em inglês,

VILÉM FLUSSEB

sempre senti atreção por esta sentença do senso comum de Kipling: "If you can keep your faith when all men doubt you, but make allowance for their doubting too". Ponho a ênfase na última parte da sentença. Conheço a dúvida que tenho em mente? Mas a dúvida, como diz Kant, não é moral. É preciso partir dela. Pelo menos é o que estou fazendo em tudo que faço. "Odi et amo; quare id faciam fortasse requiris. Nescio sed fieri sentio et excrucior". Mas talvez o sr. dispense meus conselhos.

Na primeira versão desta carta argumentei contra os pontos que levanta no seu artigo. Não o faço nesta. Procuro mantê-la no nível de uma relação humana. Se conseguir estabelecê-la consigo, o diálogo ad rem surgirá por si mesmo. É o que espero. Para tanto lhe convido, com sua senhora, qualquer dia de sua escolha.

cordialmente, quando-meime